



2º SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE DEMOCRACIA E DESIGUALDADES

Brasília, 7 a 9 de maio/2014

O Vermelho e o Negro: Os pontos de contato, de afastamento e as disputas entre os setores comunistas e anarquistas nos protestos de 2013 no Brasil.

Ian Caetano de Oliveira

Aluno de Graduação em

Ciências Sociais pela FCS/UFG

Resumo: Este trabalho tem por objeto os grupos organizados do movimento social, principalmente estudantil, especificadamente: grupos que se intitulam comunistas (nas representações, prioritariamente, do Marxismo-Leninismo¹ e Marxismo autonomista) e grupos que se intitulam anarquistas (principalmente grupos Bakuninistas e também grupos ligados ao movimento punk); além ainda de grupos chamados autogestionários que, com frequência, contêm militantes de ambos “grandes grupos” citados. O recorte temporal do trabalho abordará principalmente o ano de 2013, que teve uma série de manifestações, de início paltadas principalmente pelas questões do transporte “público” no Brasil. A hipótese metodológica deste trabalho é que, a partir do estudo das relações entre os grupos acima mencionados no que se refere à organização das manifestações ocorridas no ano que nos precede e suas práticas, poder-se-á perceber com bastante evidência os pontos de contato, de afastamento e os diferenciado das meras “animosidades” entre os grupos. O trabalho contará com coleta de dados a partir de grupo focal e recorrerá também a fontes secundarias, abarcando, de modo geral, o Brasil como um todo, em seus diversos protestos e grupos envolvidos (desde que autoafirmadamente alocados em uma das “grandes correntes”), mas deter-se-á principalmente sobre Goiânia, local de grande importância nos protestos do último ano e de onde serão extraídos os dados primários da pesquisa. Além dos dados mencionados, bibliografias teóricas sobre anarquismo e comunismo serão utilizadas.

Palavras-chave: Anarquismo, Comunismo, Protestos Contemporâneos, Embates, Divergências, Aproximações.

¹ Nestes inclui-se Trotskismo e Maoismo (este último que, contemporaneamente, como tentarei, tende a vir junto de uma acepção do Stalinismo)

Abstract: This paper has as object the organized groups of the social movement, mostly students groups. Specifically: groups that call themselves as communists (mainly Marxist-Leninist² and Marxist autonomist) and groups that call themselves as anarchists (primarily Bakuninist groups and also groups associated with the punk movement); and, beyond those, the “self-managed” groups, that, with frequency, have people of both “Major Groups” mentioned. The temporal cut will behold the year of 2013, that had a series of riots, initially about the public transport in Brazil. The methodological hypothesis is that, since the study of the relations between the mentioned groups regarding the question of the organization and their practice, we’ll be able to realize the contact points and the struggle points, and also de “fake contact and struggle” points between them. The paper will count with data collect by focal-group and will use, also, secondary data, embracing, in general, the Brazil as a whole, but specifically dedicated on Goiânia, local with great importance for the last year’s protests and from where will be extracted the primary data of the research. Beyond the mentioned data, will be used theoretical information about Communism and Anarchism in general.

Keywords: Anarchism, Communism, Contemporary Protests, struggles, approximation.

Princípio

_Este é o dia, ó Sancho!, em que se há de ver o bem que me tem guardado minha sorte; este é o dia, digo, em que se há de mostrar, como em nenhum outro, o valor do meu braço, e em que teno de fazer obras que fiquem escritas no livro da fama por todos os vindouros século. Vês aquela nuvem de poeira que ali se levanta, Sancho? Pois está toda coalhada de um copiosíssimo exército que de diversas e inumeráveis gentes por ali vem marchando.[...]

Estava Sancho suspenso de suas palavras, sem dizer nenhuma, e de quando em quando virava a cabeça para ver se via os cavaleiros e gigantes que seu senhor referia; e, como não descobria nenhum, disse-lhe:

_Senhor, que vá para o inferno cada homem, gigante e cavaleiro de quantos vossa mercê diz que aparecem por aqui. Ao menos eu não os vejo. Talvez tudo deva ser encantamento, como os fantasmas de ontem à noite.

_Como dizes isso? – respondeu D. Quixote – Não estás ouvindo o relinchar dos cavalos, o tocar dos clarins, o ruído dos atambores?

_Não ouço outra coisa – respondeu Sancho – senão muitos balidos de ovelhas e carneiros.[...]

_O medo que tens – disse D. Quixote – faz, Sancho, que não vejas nem ouças direito, porque um dos efeitos do medo é embotar os sentidos e fazer com que as coisas não pareçam o que são; e, se tanto temes, põe-te à parte e deixa-me só, que só basto para dar vitória à parte a que eu der minha ajuda.[...]

_Volte vossa mercê, senhor D. Quixote, que juro por Deus que são carneiros e ovelhas os que vai investir! Volte, pelo desditoso pai que me gerou! Que loucura é essa? Veja que não há gigante nem cavaleiro algum, nem gatos, nem armas, nem escudos partidos nem inteiros, nem veiros azuis nem endiabrados. O que é que está fazendo? (CERVANTES, 2010, 220-227)

² Here is included Trotskyism and Maoism (this last that, contemporaneously, as I will try to show, tends to come with a sense of Stalinism)

Desde o dia em que, na associação internacional dos trabalhadores³, travaram seus embates Bakunin e Marx⁴ – que culminaram na expulsão do primeiro em 1972, durante o congresso de Haia – anarquistas e comunistas têm suas divergências afloradas. A grande questão para esse trabalho, é onde termina a distinção teórica e onde começa a picuinha histórica, mas também, conhecendo a alvorada do último e o crepúsculo do primeiro, qual é a relevância de tais divergências, principalmente as primeiras, para as lutas sociais contemporâneas, pois são inegáveis as eventuais animosidades existentes entre tais grupos, e é também inegável a interferência de tais animosidades nos destinos da luta social; assumindo, entretanto, como o fez um certo pesquisador de baleias, que “Nada prometo de completo⁵” (MELVILLE, 2010, p.213).

No que se refere a Goiânia, teremos uma situação prática de evidenciamento destas divergências a partir de suas expressões prático-políticas dentro da Frente de Lutas Contra o Aumento⁶. Neste coletivo de lutas, contamos com uma participação ativa de diversos grupos dos tipos especificados no resumo do trabalho, de tal forma que, em diversos momentos, suas distinções emergiam. A partir da constatação “imediate” de tais divergências, e da comichão reavivada de aferir onde findava o argumento e principiava a birra, fez-se o *leitmotiv* deste trabalho. Representantes de tais grupos serão, no devido tempo, entrevistados – por pesquisadores do PROLUTA⁷ – sobre as divergências aqui mencionadas; mas também outros que, mesmo não ativamente vinculados aos processos organizativos dos atos contra a redução da tarifa, tiveram participação nos mesmos e, a partir disso e de outros canais – notas em blogs, jornais e outros – expressaram seu posicionamento referente às pautas e aos atos e aos outros grupos participantes dos atos.⁸

Faz-se mister compreender as distinções entre tais grupos e, advogo, realiza-se mais clara tal empreita se o fizermos com base na distinção teórica original entre os autores-expressão de tais distinções: Marx e Bakunin⁹. Não, devo esclarecer, a partir de uma perspectiva delimitadora – como um medidor que acusasse “aqueles são verdadeiros marxistas, estes não etc. –, mas principalmente por uma possibilidade comparativa que, creio, será importante para, como objetivo secundário, percebermos as metamorfoses das teorias ao longo dos anos e das lutas.

Há quem diga que Engels – a partir de uma série de artigos escritos à época do afloramento das divergências entre Marx e Bakunin dentro da AIT – foi o responsável

³ Doravante “AIT”

⁴ Admite-se que os embates precedem e procedem a AIT, usou-se a mesma apenas pela expressão icônica que tais embates tomaram tendo-na como pano-de-fundo.

⁵ No sentido de um entendimento definitivo acerca do tema.

⁶ Que a partir do final do ano passado ampliou suas paltas e passou a chamar-se Frente de Lutas pelo Transporte.

⁷ PROLUTA – Programa de pesquisa sobre ativismo e movimentos antirregime em perspectiva comparada (www.proluta.blogspot.com). É um programa de pesquisa filiado ao Núcleo de pesquisas sobre américa latina e política comparada que tem se debruçado sobre a questão das lutas e dos movimentos sociais. Tal programa tem uma agenda de fôlego e uma de suas contribuições será o levantamento de dados primários sobre a luta travada em 2013 em Goiânia; levantamento este que por mim será utilizado em diversos momentos ao longo do trabalho.

⁸ Esse caso específico pode ser visto a partir da participação do MOVAUT (movimento autogestionário) nas lutas contra o aumento da tarifa; por manifestadas questões políticas, ausentaram-se da organização, *stricto sensu*, dos atos, mas deles participou e sobre eles emitiu pareceres e opiniões.

⁹ É evidente que o debate da esquerda é bem mais amplo do que estes dois autores, sei da relevância política do pensamento de Lênin, Trotsky, João Bernardo, etc. E abordá-los-ei no devido momento. Por hora, por mera questão de uma análise de “gênese”, restrinjo minhas lentes aos dois autores citados.

pela “personalização” das divergências; digo que, embora não desconsidere tal hipótese, trato-a por hora como irrelevante.

Mas antes de prosseguir com a árdua saga e pelo tortuoso caminho que ela inerentemente requer, permitam-me os leitores que eu torne um pouco mais claro e menos, pelo ofuscamento, tacanho o *modus operandi* pelo qual se desenha este trabalho:

A contribuição que este trabalho se propõe a legar, portanto, é uma detalhada análise da real distinção entre estes tais setores em seus mais diversos sabores, tendo como foco de análise os protestos ocorridos no ano passado. Para tal empreita, mobilizar-se-ão os seguintes esforços:

a) Revisão histórica da trajetória da esquerda em geral no Brasil e, mais detidamente, das trajetórias anarquistas e comunistas dentro deste eixo – a partir de onde pretende-se entender não só a formação de cada “corrente”, mas suas práticas gerais de atuação ao longo do tempo e a consolidação dos grupos. Também revisão bibliográfica dos “autores-expressão” das diversas correntes inseridas no contexto (Marx, Bakunin, Proudhon, Lênin, Trotsky, João Bernardo, etc.) Afim de, via as distintas percepções dos autores, no que se refere à questão conceitual, estratégia e metodológica, ser capaz de delimitar os conflitos teóricos que se expressam do ponto de vista prático.

b) investigação em veículos de informação (jornais, blogs, revistas, noticiários em tv e rádio, etc.) no intuito de remontar o histórico das jornadas do ano passado, com enfoque em Goiânia, partindo da hipótese discutida no PROLUTA de que, diferente do que se tem dito, não são São Paulo e Rio de Janeiro os estopins das revoltas do ano passado, mas sim Florianópolis e Goiânia.

c) investigar notas emitidas pelos diversos grupos envolvidos afim de, por meio de um guia histórico fornecido pela tarefa pormenorizada no ponto “b)”, saber as diversas avaliações sobre os protestos – independentemente e do ponto de vista geral – e confrontá-las, com intuito de fazer emergirem os pontos de contato e de afastamento, decantando assim – ou ao menos é o que se espera – as picuinhas e filtrando, portanto, o essencial do debate.

Iluminado, portanto, ainda que de forma menos elaborada, o esqueleto que sustenta este corpulento projeto, parto do mais singelo dos pontos para legitimar meu objeto. Começo pela distinção do conceito de Estado em Marx (e Engels) e Bakunin.

Com o intuito de demonstrar brevemente alguns dos dilemas – para encerrar esta pródiga “abertura” – trago uma ligeira demonstração da distinção entre uma questão organizacional fulcral para ambos os autores, mas que ainda está sujeita a uma série de ponderações, que é a questão do Estado.

Para ambos esta é uma questão central, tentemos sintetizar o posicionamento do(s) alemão(s)¹⁰:

Para Marx, o estado é uma superestrutura que existe para legitimar, viabilizar e facilitar a dominação burguesa com vistas à exploração do proletariado (MARX, 1984, p.20-21; 2012, p.81-82; MARX & ENGELS, 2010, p.42; ENGELS & KAUTSKY, 2012, p. 18-21). Como, além de todos os trechos elencados acima, fica claro na seguinte colocação:

Cada etapa da evolução percorrida pela burguesia foi acompanhada de um progresso político correspondente. Classe oprimida pelo

¹⁰ No plural, pois não nos esqueçamos do Engels.

despotismo feudal, associação armada e autônoma na comuna, aqui república urbana independente, ali terceiro estado tributário da monarquia; depois, durante o período manufatureiro, contrapeso da nobreza na monarquia feudal ou absoluta, base principal das grandes monarquias, a burguesia, com o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou, finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. O executivo no Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa. (MARX & ENGELS, 1998, p.41-2)

Entretanto – como está evidenciado em textos como o Artigo 7a. do estatuto da AIT e também na célebre *Crítica do Programa de Gotha* – a tomada do estado é de fundamental importância para a transformação das relações de produção, uma vez que

Como os senhores do solo e do capital se servem de seus privilégios políticos para proteger e perpetuar seus monopólios econômicos, assim como para escravizar o trabalho, então a conquista do poder político torna-se uma grande obrigação do proletariado. (MARX, 2012, p.82)

Entre a sociedade capitalista e a comunista, situa-se o período da transformação revolucionária de uma na outra. A ele corresponde também o período político de transição, cujo Estado não pode ser, senão, a *ditadura revolucionária do proletariado*. (MARX, 2012, p.43)

Para o russo, o flerte entre estado e as relações sociais de produção não se dá dessa maneira. Para este, o estado é a representação máxima da autoridade, e, “Assim, de um lado, o Estado, de outro, a revolução social; estes são os dois polos, cujo antagonismo forma a própria essência da vida social atual em todo o continente europeu[...]” (BAKUNIN, 2003, p.41) Assim, “o povo só poderá ser feliz quando configurar sua vida por si mesmo, organizando-se de baixo para cima, em associações autônomas e absolutamente livres, e livre de toda a tutela oficial[...]” (BAKUNIN apud MARX, 2012, p.106). O estado é

Enquanto o primeiro vê o estado como um aspecto inerente à forma de produção da vida atual, mas que, enquanto todos somos desta sociedade atual, a transformação pode ser operada tomando violentamente e instrumentalizando esta instituição central, que é, em gênese, contraditória, e colocando-a a serviço da nova classe revolucionária, o proletariado; o segundo vê no estado uma forma independente de dominação (BAKUNIN, 2003; 1989; 2008), que deve de imediato ser destruída, pois a tomada do mesmo – como advogava marx¹¹ - implica inerentemente na transformação do agente revolucionário em dominador¹².

(...) aumentar, crescer, conquistar, a qualquer preço e sempre, é uma tendência fatalmente inerente a todo Estado, qualquer que seja sua extensão, sua fraqueza ou sua força, porque é uma necessidade de sua natureza. (BAKUNIN, 2008, p.27)

¹¹ E vale lembrar que Marx advoga a tomada violenta do estado, não sua disputa via meios “legais” ou “jurídicos” (MARX, 2012; MARX & ENGELS, 2010; ENGELS & KAUTSKY, 2012)

¹² Se você pegar o mais ardente revolucionário, e investi-lo de poder absoluto, em um ano ele seria pior que o próprio Kzar (BAKUNIN apud GUERIN, 1970, p.25-26, tradução minha)

Entretanto, anos mais tarde o próprio Engels formulou uma forma de tentar esclarecer os “mal-entendidos” oriundos da palavra “Estado” dentro da teoria marxista.

O *Estado Popular*¹³ foi sobejamente jogado em nossa cara pelos anarquistas, embora já o escrito de *Marx contra Proudhon*¹⁴ e, mais tarde, o *Manifesto Comunista* digam de maneira explícita que, com a instauração da ordem socialista da sociedade, o Estado dissolve-se por si só e desaparece. Não sendo o Estado mais do que uma instituição transtória, da qual alguém se serve na luta, na revolução, para submeter violentamente seus adversários[...]: enquanto o proletariado ainda *faz uso do Estado*, ele o usa não no interesse da liberdade, mas para submeter seus adversários e, a partir do momento em que se pode falar em liberdade, o Estado deixa de existir como tal. Por isso, nossa proposta seria substituir, por toda parte, a palavra *Estado* por *Gemeinwesen*¹⁵, uma boa e velha palavra alemã, que pode muito bem servir como equivalente do francês *commune*¹⁶. (ENGELS, 2012, p.56)

A partir desta apresentação, espero ter brevemente demonstrado o quão profundas são as nuances que permeiam este debate teórico e como elas não estão, de forma alguma, acabadas. A configuração delas na contemporaneidade espero demonstrar com o trabalho que virá adiante, por meio de suas expressões nos grupos sociais que reivindicam uma ou outra bandeira, pois a compreensão das mesmas mostra-se imprescindível para um entendimento cabal não só acerca das práticas tomadas dentro das manifestações contemporâneas (black-blocs, jograis, fanfarras, artefatos incendiários, etc.), como também nas razões-de-ser destas manifestações.

A bibliografia que segue é a citada apenas nesta introdução, mas não encerra toda a literatura utilizada na pesquisa.

Bibliografia

BAKUNIN, Mikhail. *Escrito Contra Marx*. Conflitos na Internacional. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. Brasília: Novos Tempos, 1989.

BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo e Anarquia*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2003.

BAKUNIN, Mikhail. *O Princípio do Estado e outros ensaios*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2008

CERVANTES, Miguel de. *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote da Mancha – Volume I*. Tradução de Carlos Nougué e José Luiz Sánchez. São Paulo: Abril Coleções, 2010.

¹³ Ou seja, a ditadura do proletariado.

¹⁴ Obra *A miséria da filosofia*.

¹⁵ A tradução mais aplicável ao caso seria “Comunidade”.

¹⁶ Comuna.

ENGELS, Friedrich. *Friedrich Engels a August Bebel* (março de 1975). In: MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

ENGELS, Friedrich & KAUTSKY, Karl. *O Socialismo Jurídico*. Tradução de Livia Cotrim e Márcio Bilharinho Naves. 2ª ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2012.

GUERIN, Daniel. *Anarchism: From theory to practice*. New York: Monthly Review Press, 1970.

MARX, Karl. *A Contribution to the Critique of Political Economy*. Translated by S. W. Ryazanskaya. Moscow: Progress Publishers, 1984.

MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. Estatutos da Associação Internacional dos Trabalhadores (excertos). In: _____. *Crítica do Programa de Gotha*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 1998.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. 1ª ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

MELVILLE, Herman. *Moby Dick – Volume I*. Tradução de Berenice Xavier. São Paulo: Abril Coleções, 2010.